

A LÍNGUA QUE FALAMOS: UM ESTUDO SOBRE AS VARIANTES FONÉTICAS DO PORTUGUÊS NA FRONTEIRA TABATINGA (BRASIL)-LETÍCIA (COLÔMBIA)

Marcilene da Silva Nascimento CAVALCANTE
Instituto de Natureza e Cultura - Universidade Federal do Amazonas
E-mail: marciletrasbc@hotmail.com

Resumo: A língua que falamos é cheia de variações, basta observarmos ligeiramente como usamos a linguagem e perceberemos que ninguém fala igual a ninguém, pois há diversos fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam na forma da linguagem de cada falante. O objetivo deste artigo é expor os resultados parciais da pesquisa de mestrado em Estudos Amazônicos pela Universidade Nacional da Colômbia, cujo tema possibilitou fazer uma identificação e análise de algumas variantes fonéticas que estão presentes na fala de estudantes do Ensino Médio das Escolas Públicas do município de Tabatinga. A metodologia utilizada foi gravação da fala dos estudantes através de um Questionário Fonético-Fonológico (QFF). A partir da identificação das variantes foi possível constatar que os estudantes têm a fala caracterizada pelo uso de diversas variantes fonéticas, entre as quais algumas são consideradas variantes de prestígio e outras variantes estigmatizadas.

Palavras-chave: variantes fonéticas; variantes de prestígio; variantes estigmatizadas

1. Introdução

A língua que falamos é cheia de variações, basta observarmos ligeiramente como usamos a linguagem e perceberemos que ninguém fala igual a ninguém, pois há as idiossincrasias, que alguns estudiosos chamam de idioleto e há diversos fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam na linguagem de cada falante.

As variações ocorrem em todos os níveis: fonético-fonológico, morfológico, sintático etc. No nível fonético observam-se as mudanças dos fones de acordo com o dialeto utilizado pelos falantes.

As variantes fonéticas são os sons da fala humana em suas diversas realizações e podem ser analisadas em termos de três aspectos: a articulação, a transmissão e a audição dos sons. A Fonética Articulatoria estuda os sons segundo sua articulação pelos órgãos fonadores, o que implica um conhecimento da anatomia do aparelho fonador. Para simbolizar na escrita a pronúncia real de um som usa-se um alfabeto especial, o alfabeto fonético. Os sinais fonéticos são colocados entre colchetes []. Os fonemas transcrevem-se entre barras oblíquas //.

Segundo Areiza Londoño (2004, p. 20) as variantes fonéticas caracterizam uma comunidade de fala ou grupo social, pois são índices que sofrem variações em diferentes contextos linguísticos, regionais e/ou sociais. Portanto, considera-se importante o estudo das variantes fonéticas para que se conheça também o grupo social com qual trabalhamos nas escolas.

2. Material e métodos

Para a identificação das variantes fonéticas foi aplicado um questionário fonético-fonológico (QFF) com estudantes, cuja estrutura apresentava basicamente três momentos diferentes: (i) entrevista com 60 perguntas, com uma variedade de questões (nomear, completar); utilizando-se de recursos como desenhos e objetos. (ii) Além das perguntas o estudante fez uma breve narração de um fato de sua vida na escola, pois a narrativa permite uma espontaneidade maior e, por fim, foi feita (iii) uma leitura de um texto literário escolhido

pela investigadora. Participaram dessa atividade vinte estudantes do ensino médio de duas escolas públicas do município de Tabatinga - Amazonas selecionados de acordo com os critérios de gênero, idade e etnia, sendo dez de cada escola (cinco homens e cinco mulheres). As variantes fonéticas analisadas foram selecionadas a partir do trabalho de tese de doutorado ó Atlas Linguístico do Amazonas ó da professora Maria Luiza Carvalho Cruz (2004) da Universidade Federal do Amazonas ó UFAM.

Indicadores	Transcrição fonológica	Transcrição fonética
1. Alteamento da vogal /e /	ý esɔk la ý	[isɔk l]
2. Alteamento da vogal /o/	ýp rol ý	[p rul]
3. Redução do ditongo /ey/	ýbeí oý	[be u]
4. Redução do ditongo /ow/	ýt øowra ý	[teøzo a]
5. Redução do gerúndio -ndo	ýt ø do ý	[t ø nu]
6. Abrandamento do /R/	ýka ta ý	[ka t]
7. A palatalização do /s/	ýpesɔkiza ý	[pe ɔkiza]
8. Vocalização de /l/	ýfaɔta ý	[faɔta w]
9. Palatalização do /t/ antes das vogais /i/ e /e/ e	ý ðia ý	[ð ia]
10. Palatalização do /d/ antes das vogais /i/ e /e	ý ðia ý	[ð ia]

Quadro 1 ó Variantes fonéticas analisadas através do QFF.

3. Resultados e discussão

Os resultados obtidos apontam para uma caracterização do português falado pelos estudantes na fronteira, da seguinte forma:

Variantes	Entrevista	Narrativa	Leitura
[e] ~[i]	85%	100%	72%
[o] ~[u]	87%	100%	99%
[ei] ~[e]	32%	73%	41%
[ou] ~ [o]	60%	100%	90%
[-ndo] ~[-no]	0%	40%	10%
[R] ~[r]	99%	100%	100%
[s] ~[ʃ]	0%	0%	0%
[l] ~[w]	100%	100%	100%
[t] ~[tʃ]	100%	100%	100%

[d] ~[dʒ]	97%	100%	100%
------------------	-----	------	------

Tabela 1 ó Promédio do QFF considerando os três contextos situacionais.

Considerando o promédio do QFF nota-se que no caso da narrativa, um contexto mais livre, predomina o uso das variantes. No entanto, quanto às variantes de prestígio ocorrem acentuadamente nos três contextos. Ou seja, considera-se que a redução dos ditongos decrescentes e do gerúndio sejam variantes estigmatizadas, o que justifica a baixa frequência de seu uso. Segue-se abaixo uma análise de cada variante:

Alteamento das vogais [e] ~[i]; [o] ~[u]

O alteamento de vogal é um processo muito comum em quase todas as regiões brasileiras, principalmente com vogais átonas, o que gera a sua aceitação em diversos contextos sociais, podendo-se dizer que se trata de uma variante de prestígio. Contudo, ainda é notável o monitoramento da fala nos contextos da entrevista e da leitura, mais acentuada por parte das mulheres.

Redução dos ditongos decrescentes [ei] ~[e]; [ou] ~ [o]

O processo de redução dos ditongos decrescentes, aparentemente não parece frequente no dialeto dos estudantes, porém percebeu-se, na maioria dos casos, que alguns estudantes ao responderem o QFF preocuparam-se em monitorar a fala. Como por exemplo, o ditongo [ou] no final das palavras, especialmente verbos no pretérito, é muito comum a redução, no entanto, a maioria não respondeu de forma reduzida. Isso confirma a crença dos estudantes de que há uma forma correta de falar o português e revela certa insegurança linguística, que segundo Calvet (2002, p. 72) ocorre quando os falantes consideram seu modo de falar pouco valorizado e tem em mente outro modelo, mais prestigioso, mas que não praticam.

Redução do gerúndio [-ndo] ~[-no]

Durante a entrevista percebeu-se que os estudantes não sabiam ou não lembravam a forma nominal do gerúndio, então foi necessário que a investigadora explicasse e desse alguns exemplos, esse fato pode ter influenciado as respostas. Entretanto, pode-se afirmar que há uma tendência muito forte no uso da redução do gerúndio de acordo com os resultados observados nas narrativas e conversas informais.

Abrandamento e apagamento [R] ~[r]; [r] ~[ø]

Verificou-se que os estudantes tendem a apagar o *yr ýno* final dos substantivos e das formas verbais analisadas : gestor [esøto]; diretor [ireøto]; voador[vuaødo]; doutor [doøto]; jogar [joøga]; formar [forøma]; fazer [faøze]. A pronúncia típica do [r] forte da grande maioria dos estudantes é como fricativa velar desvozeada: resposta [xesøposta], rico [-xiku], corrigir [koxiøgi]. No início das palavras e na posição intervocálica a pronúncia usual é do [r] como fricativa velar desvozeada que correspondente ao som forte do [r]; em outro contexto intervocálico e no final de sílaba ou palavra ocorre o apagamento. Ou seja, há uma tendência para o abrandamento do [R] em quase todos os contextos, diferenciando das pronúncias do espanhol e de outras regiões do Brasil como de São Paulo, Minas Gerais, aproximando-se, entretanto, da pronúncia do Rio de Janeiro.

Palatalização do [s] ~[ʃ] [ø]

A pronúncia do [s] em início de sílaba é uniforme em todos os dialetos do português brasileiro, marcando variação dialetal em final de sílabas: [s] fricativa alveolar desvozeada; [z] fricativa alveolar vozeada; [ʃ] fricativa alveopalatal desvozeada; [ʃ] fricativa alveopalatal vozeada (SILVA, 2007, p. 38). No Amazonas, o que mais caracteriza a fala dos estudantes é a ditongação e não a palatalização do [s] no final de sílaba, ou seja, ocorre o acréscimo de glide: agosto [aøgoistu]; pesquisa [peisøkiza]. Entretanto, há pesquisas que afirmam que a palatalização do [s] é um processo recorrente em alguns municípios da Amazônia.

Vocalização do [l] ~[w]

Embora o processo de vocalização do [l] seja generalizado em todo o Brasil, com exceção do extremo Sul, e seja considerada uma variante de prestígio, pois está presente na

fala de pessoas de todas as classes sociais, considerou-se importante analisar esse processo pelo fato do contato com o espanhol que apresenta, assim como a região do extremo Sul o [l] com pronúncia dental (velar). No entanto, os resultados mostram que não há nenhuma influência de outro idioma na realização desse fonema, ocorrendo a vocalização do [l] posvocálico em todos os contextos analisados: pincel [p øsew]; filme [-fiwmi]; jornal [÷ naw]; falta [-fawta].

Palatalização do [t] ~[tʃ]; [d] ~[dʒ]

Nas palavras analisadas a palatalização do [t] e do [d] é marcante, como por exemplo: cantina [kãø na]; tinta [÷ ta]; ventilador [v ilaødo]; fortemente [fo iøm i]; capacete [kapaøe i]; diário [iøariu]; meditação [me itaøsau]; tarde [-ta i]. Essa conclusão também reafirma que não há influência do espanhol na realização desses fonemas, pois no espanhol esses fonemas são pronunciados como oclusivas dentais.

Nos contextos analisados os estudantes encontraram dificuldades para responder as questões 54 e 56 do QFF, entretanto, embora tenham sido induzidos a resposta esperada, houve a palatalização dos termos solicitados, exceto no caso da palavra descrição [deskrisãu], porque trata-se de uma parônima que caso sofra palatalização muda o significado da mesma: discrição [i krisãu]. Ressalta-se que quanto a palavra [dez pr gadu] também não houve a palatalização, porém é comum que neste contexto (início da palavra, seguida de consoante vozeada e em posição pretônica) ocorra o alteamento da vogal *yé yé* a palatalização. Portanto, a palatalização do [t] e do [d] antes da vogal [i] e suas variantes, ou seja, quando a vogal [e] sofre o alteamento, é comum na pronúncia dos estudantes, isso nota-se inclusive na pronúncia dos estudantes de nacionalidade colombiana e de origem indígena. Observa-se assim, que mesmo em área de fronteira e estando em contato constante com o espanhol, a pronúncia desse alofone não sofreu modificações.

Sabe-se que essa variação linguística é resultante de fatores linguísticos e extralinguísticos, por isso como parte dos resultados foi feita uma análise dos fatores linguísticos.

Fatores linguísticos

Alteamento das vogais [e] ~[i] / [o] ~[u]	
Harmonização vocálica	m[e]nino [m[i]øninu]
Seguido de sibilante	[e]scola [[i]søk la]
Posição de hiato	chat[e]ado [at [i]øadu]
Presença de vogal alta contígua	c[o]migo [k[u]ømigu]
Neutralização	estilet[e] [ist iølet [i]]; vent[o] [÷v [tu]]

Quadro 2 ó Ambiente fonético que provoca o alteamento das vogais [e] ~[i] / [o] ~[u].

Ao analisar o comportamento da fala em relação ao sistema vocálico, Callou e Leite (2005, p. 85-86) afirmam que as vogais [e] e [o] do sistema da escrita realizam-se quando pretônicas, ora médias [e] e [o], ora como altas [i] e [u] [...]. Essa mudança [o] para [u] e [e] para [i] é uma regra variável, condicionada por múltiplos fatores, o mais forte dos quais é a vogal alta da sílaba imediatamente seguinte, como por exemplo: menino [miøninu], regra comumente conhecida como *harmonização vocálica*. Outros fatores linguísticos que segundo as autoras se revelam mais favoráveis à elevação das vogais médias pretônicas foram: contexto inicial de palavra, seguido de sibilante: escola [isøk la]; espelho [isøpeliu]; posição de hiato: enteadado [t iøadu], cadeado [kad iøadu], chateado [at iøadu] e toalha [tuøalia]; vogal alta contígua: comigo [kuømigu]. Nas sílabas átonas finais ocorre o processo de neutralização, ou seja, a oposição existente entre a vogal [e] de timbre aberto e a vogal [e] de timbre fechado

fica suprimida e uma única forma equivale às que se opunha (MATTOSE CÂMARA, 2008, p. 227), estilete [ist iðet i], vento [÷v tu], metro [÷m thu], quadro [÷kuadhu] e moleque [muð ki]. As vogais postônicas mediais [o,] são reduzidas a [u] na maioria dos dialetos do português brasileiro: [÷p ula] (SILVA, 2007, p. 90).

Redução dos ditongos decrescentes [ei] ~[e] / [ou] ~[o]		
Assimilação	seguido de tepe	cad[ei]ra [kað[e] a]
	seguido de []	am[ei]xa [aøm[e] a],
	seguido de []	b[ei]jo [÷b[e] u]
Assimilação		fal[ou] [fað[o]]; [ou]tros [÷[o]trus]
Desnasalização		garag[em] [gaøra [i]]

Quadro 3 ó Processos que provocam a redução dos ditongos decrescentes.

Um ditongo consiste de uma sequência de segmentos vocálicos sendo que um dos segmentos é interpretado como vogal e o outro é interpretado como glide (SILVA, 2007, p. 94). Assim, existem ditongos crescentes e decrescentes de acordo com a sequência glide-vogal ou vogal-glide. Os ditongos [ey] e [ow] são ditongos decrescentes e podem ser orais e nasais. Alguns ditongos podem ser reduzidos e essa redução está ligada a fatores relativos à composição da cadeia fonética, ponto e modo de articulação do segmento seguinte. Os segmentos mais favorecedores seriam: tepe, [] e []: cadeira [kaðe a], ameixa [aøm e a], beijo [÷be u], queijo [÷ke u], aleijado [aleø adu]. A redução de ditongos se dá em substantivos, adjetivos e formas verbais: tesoura [teøzora], calouro [kaðoru], ouvir [oøvi], falou[faðo]. Os ditongos nasais que na escrita não são representados, também sofrem redução, através do processo de desnasalização: garagem [gara i] e jovem [vi].

Redução do gerúndio [-ndo]		
Dissimilação	estudando	[istuðãdu] [istuðãnu]
	lendo	[÷ du] [÷ nu]
	descobrimdo	[diskuøbr du] [diskuøbr nu]

Quadro 4 ó Processo que provoca a redução do gerúndio [óndo].

A redução de ã-ndoõ para õ-noõ ocorre somente nas formas de gerúndio e é uma pronúncia típica de Belo Horizonte e em outras regiões do país (SILVA, 2007, p. 2). Essa variante, embora contrariando a norma padrão, é muito difundida entre os falantes, sendo, contudo, considerada uma variante estigmatizada. A redução ocorre pela influência exercida por um segmento de som sobre a articulação de outro, de maneira que os sons se tornem menos parecidos, ou diferentes. Esse processo é denominado de dissimilação.

Abrandamento do /R/ e apagamento do /r/ posvocálico		
[R] posvocálico	Final de sílaba antes de C voz	nervoso [ne øvozu]
	Final de sílaba antes de C desv	porque [÷poxke]
	Final de palavras	fazer [fa'ze]; lugar [lu'ga]
[]	Intervocálica	paredes [paø e is]
	C na mesma sílaba	trabalho [t aøbaliu]
[R]	intervocálica	corrida [ko'xida]; morrido[mo'xidu]
	Início de palavra	ritmo[÷xitimu]; relação[xela'sãu]

Quadro 5 ó Pronúncia do ÿR ýforte e posvocálico.

O [r] ortográfico no português brasileiro apresenta várias pronúncias: [] tepe alveolar vozeado; [] vibrante alveolar vozeada; [] retroflexa alveolar vozeada; [x] fricativa velar desvozeada; [] fricativa velar vozeada; [h] fricativa glotal desvozeada; [] fricativa glotal

vozeada (SILVA, 2007, p. 38-39). Assim, temos o ãr fracoö e o õR forteö, mas o contraste fonêmico somente é atestado em posição intervocálica: õcaro ýcarroö. O ãr fraco manifesta-se como um tepe ou vibrante simples em qualquer dialeto do português: [] e o õR forteö varia consideravelmente de dialeto para dialeto (SILVA, 2007, p. 159).

Palatalização do [S] ~ [ʃ]	
Ditongação	pesquisa [peiskiza]; agosto [aøgoistu]

Quadro 6 ó Processo que ocorre na pronúncia do [s] posvocálico.

Silva (2007, p. 158) afirma que há quatro fonemas [s, z, ,] que perdem a sua propriedade contrastiva (que os identifica como fonemas distintos) em posição final de sílaba, o que denomina-se de neutralização. Assim, dependendo do dialeto o [s] pode ser representado por esses fonemas somente quando ocorrer no final de sílaba. Por exemplo: [aøgostu] ý[aøgo tu]; [pesøkiza] ý[pe økiza]; [isøkedu] ý[i økedu]. Com a palavra *assado*, esse processo não ocorre, pois, o ambiente intervocálico não permite a neutralização, devendo-se utilizar o fonema que representa: [aøsadu]. Mas, nem sempre ocorre a neutralização, observou-se que mais frequentemente na fala dos estudantes ocorre a ditongação, conforme mostra o quadro acima.

Vocalização do /l/ posvocálico [l] ~ [w]		
Neutralização	Final de sílaba	fi[l]me [-fi[w]mi]; fa[l]ta [-fa[w]ta]
	Final de palavras	pince[l] [p øse[w]]; jorna[l] [øna[w]]

Quadro 7 ó Processo que provoca a vocalização do [l] posvocálico.

Como na maioria das regiões brasileiras, toda vez que a consoante [l] aparece no final de sílaba ocorre a vocalização e assim há a neutralização, em que o [l] passa a ter características articulatorias de uma vogal [u], o que gera um efeito funcionalmente perturbador, pois confunde formas como ýnalý e ýnawý ýltu ýe ýawtuý (MATTOSO CÂMARA, 2008, p. 30). Na transcrição fonética o [l] vocalizado é transcrito como [w].

Palatalização do [t] ~ [tʃ] / [d] ~ [dʒ]	
Variante posicional (Método de identificação: Distribuição complementar)	[t] antes de [i] e suas variantes [tʃ] [t]ipo [-tʃ] ipu]; men[t]iroso [m [] iø ozu]; tape[t]e [taøpe[] i]
	[d] antes de [i] e suas variantes [dʒ] [d]ia [-tʃ] ia]; mé[d]ico [-m [] iku]; cida[d]e [siøda[dʒ]i]

Quadro 8 ó Processo da palatalização de oclusivas alveolares

A palatização refere-se aos sons produzidos quando a parte anterior da língua entra em contato ou se aproxima do palato duro (CRYSTAL, 2000, 193). No português esse processo ocorre na grande maioria das regiões brasileiras, exceto no interior de São Paulo e da região de Pernambuco, Ceará, Maranhão e Piauí (ILARI, 2009, 168), sendo considerado como variante posicional, pois só acontecem diante do [i] e suas variantes. No Amazonas, esse processo é notável em todos os municípios, inclusive Tabatinga, conforme diz Rojas Molina (2007, p. 56) em sua tese de mestrado: õa nível fonético, los tabatiguenses tienden a eliminar los fonemas [s], [m] y [r] finales; palatización mucho más frecuente /tʃ/ y /dʃ/ (...) português õtodo chiadoö(viciado o incorreto)ö.

4. Considerações finais

Conforme afirma Labov (2008, p. 236), òquanto mais se conhece uma língua, mais se pode descobrir sobre ela. Essa é a ideia: socializar com todos os professores de Língua Portuguesa para conhecer mais sobre a diversidade da nossa língua.

O português falado pelos estudantes de Língua Portuguesa do Ensino Médio das escolas públicas do município de Tabatinga pode ser assim caracterizado:

- uso do alteamento das vogais átonas [e] e [o] isoladas, no início e final de sílabas e palavras na maioria dos contextos;
- redução dos ditongos decrescentes orais e nasais [ou] e [ei] ;
- tendência a redução do gerúndio[óndo] nas formas nominais dentro de contextos oracionais;
- pronúncia do [r] como fricativa velar desvozeada e o apagamento nos finais de palavras substantivas e dos verbos no infinitivo e
- pronúncia do [s] como fricativa alveolar desvozeada, ocorrendo a ausência no final das palavras, dentro de enunciados.
- vocalização do [l], fenômeno que provoca dificuldades na escrita de palavras como [mal] e [mau];
- palatalização do [t] e do [d] antes da vogal [i] e suas variantes , fenômeno que produz um som chiado na fala;

Há, portanto, o uso de variantes de prestígio e de variantes estigmatizadas, contudo, esse juízo de valor não deve fazer parte do processo pedagógico. Assim, concluo com uma pergunta: qual o papel da escola diante dessas variações linguísticas? Ao mesmo tempo concordo com a seguinte resposta: òCumpriria, uma educação realmente democrática e igualitária, reconhecer a diversidade e com ela trabalhar, no sentido de possibilitar a todos os usuários da língua o acesso às normas prestigiadas e às mesmas oportunidades (CALLOU & LEITE *apud* CYRANKA, 2007, p.130).

Referências

AREIZA LONDOÑO, Rafael. *Hacia una nueva visión sociolingüística*. Bogotá: Ecoe Ediciones. 2004.

CALLOU, Dinah e LEITE, Yonne. *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. *Atlas Linguístico do Amazonas*. Tese de Doutorado em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

CRYSTAL, David. *Dicionário de linguística e fonética*. Tradução e adaptação: Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CYRANKA, Lucia Furtado de Mendonça. *A Língua culta na escola: uma interpretação sociolingüística*. Instrumento: R.Est. Pesq. Juiz de Fora, vol. 10, p. 17-28, 2008. Disponível em: www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/.../article/view/43. Acesso em 07 out 2009.

ILARI, Rodolfo. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2009.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATTOSO CÂMARA JR. Joaquim. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

ROJAS MOLINA, Sandra Liliana. Aproximacion al estudio de las actitudes linguisticas en un contexto de contacto de español y portugués en el área urbana trifronteriza Brasil-Colombia-Peru. Tesis de Maestria en Estudios Amazónicos, Universidad Nacional de Colombia, Sede Amazonia, 2007.

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2007.